

A MULHER E O ESPELHO EM
PADRE ANTÔNIO VIEIRA –
RELAÇÕES DE
CONTINGUIDADE DIALÉTICA
NO *SERMÃO DO DEMÔNIO
MUDO*

*THE WOMAN AND MIRROR IN
PRIEST ANTONIO VIEIRA –
AFFILIATIONS OF DIALECTIC
ADJACENCY IN SERMÃO DO
DEMÔNIO MUDO*

Paulo Geovane e Silva
(Universidade de Coimbra)¹

RESUMO: Padre Antônio Vieira (1608-1697), grande orador e pregador português, produziu sermões que, devido às fortes

¹ Mestre em Literatura Brasileira e Comparada pela Universidade de Coimbra e doutorando em Literaturas de Língua Portuguesa - Investigação e Ensino pela mesma universidade. Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Áreas: Literatura brasileira, literaturas africanas de língua portuguesa, literatura comparada, estudos de gênero e estudos culturais. email: paulogeovanesilva@gmail.com

dimensões literárias e ideológicas que lhes são peculiares, despertam a atenção de muitos leitores e estudiosos da literatura de expressão portuguesa ainda nos dias de hoje. Dentre as muitas perspectivas que permitem ver a obra vieirina, uma das que tem tomado grande projeção nos atuais estudos literários é aquela que parte dos estudos de gênero, a fim de que seja possível perceber qual é o local que o sexo feminino ocupa na mundividência de Vieira. Nesse sentido, este artigo se propôs a analisar, também pelo viés dos estudos de gênero, a maneira como o jesuíta aborda o feminino, tendo como *corpus* de análise o *Sermão do demônio mudo*, produzido em 1651 e pregado para freiras num convento de Odivelas, Portugal. Para além de compreender melhor a presença da mulher na abordagem de Padre Antônio Vieira, tenciona-se também analisar em que medida essa figura é útil ao discurso e à estratégia argumentativa do jesuíta português.

PALAVRAS-CHAVE: Padre Antônio Vieira. Mulher. Sermão. Identidade.

ABSTRACT: Padre Antônio Vieira (1608-1697), a great Portuguese orator and preacher, has produced lectures which had called out the attention of many readers and Portuguese literature scholars until the present day because of the strong literary and ideological dimensions that are peculiar to him. Amongst the many perspectives under which it is possible to see the *Vieirian* work, one that has great projection in the current literary studies is the one that starts from the gender studies, so as to make it possible to understand the space dedicated to the female gender in Vieira's worldview. In this sense, this paper intends to analyze – also under the gender studies, the way a Jesuit approaches the feminine, using as the analytical *corpus* the “*Sermão do demônio mudo*”, written in 1651 and preached to the nuns in a convent in Odivelas, Portugal. Besides better understanding the presence of the woman in Padre Antônio Vieira's approach, it is also intended to analyze to what extent this figure is useful to the Portuguese Jesuit's discourse and the argumentative strategy.

KEYWORDS: Padre Antônio Vieira. Woman. Lecture.
Identity

Introdução

[...] vê as atrizes, que não menos cuidadosas, ali mesmo se ajustam, e preparam; e que algumas apesar do tempo, e a milagres do artifício, cuidam que reparam em brevíssimos instantes, a ruína que fizeram muitos anos, semelhantes às serpentes quando se renovam, mas não tão felices; tôdas em um espelho portátil estudam amor, desdém, severidade, contentamentos, lágrimas; tudo aprendem no cristal, mestre mudo, e fiel, e que mudamente ensina a propriedade, o ar, a graça; mas que importa, o ar é vão, a graça é enganosa, e a propriedade é falsa; o representar é mentir.

(Matias Aires, 1966)

Da literatura às artes visuais, o espelho é um objeto recorrente, cujo valor simbólico abarca um sem número de desdobramentos semânticos, muitos dos quais antípodas entre si, a depender da manifestação artística na qual se encontra figurado o espelho. Nesse sentido, a singular presença que esse objeto tão cotidiano marca nas manifestações estéticas merece muita atenção, pois, sobretudo na literatura, o espelho carrega em si uma vida própria, uma função pessoal e uma importante dimensão axiológica com relação à arte literária e os seus efeitos de sentido: dos casos mais flagrantes, é de se lembrar a história d'*A Branca de neve e os sete anões*, conto de fadas no qual o espelho, que tinha uma voz própria, estava personificado como um ente maligno e misterioso, conivente com a antagonista da história; em *Alice no país das maravilhas*, era o espelho o meio pelo qual a pequena Alice fora levada para um de seus mundos mágicos; por último, o mais clássico exemplar da figuração do espelho – Narciso. Envolvido pela própria beleza contemplada num espelho d'água, Narciso é consumido pela admiração da própria face, e cai num lago, onde morre afogado, transformando-se numa flor aquática homônima ao personagem.

Contudo, e a partir de uma analogia mais estreita e específica, uma das representações mais comuns é aquela que associa o espelho à vaidade e, conseqüentemente, à mulher, conforme retrata a epígrafe acima, retirada da obra *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, assinada por Matias Aires. Na figura da atriz que se prepara para encenar, Aires critica o uso do espelho como uma promoção da vaidade e da mentira, já que, para além dos palcos, a mulher também representa diante do espelho.

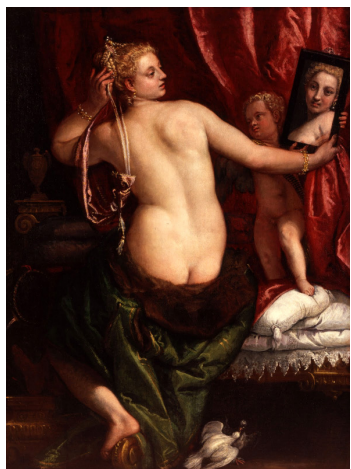
Como é possível notar tanto pela força simbólica do espelho quanto pela epígrafe, vê-se aqui que, em algumas produções literárias específicas, o espelho é o meio pelo qual um determinado discurso reforça a ideia de que a vaidade é um atributo feminino que, diga-se de passagem, associa à mulher uma imagem altamente pejorativa e banalizante. Tal representação será o foco de análise deste trabalho, no qual tenciona-se analisar *O sermão do demônio mudo*, de Padre Antônio Vieira, em cujo discurso o jesuíta aborda a temática do espelho com relação à vaidade. Pregado para freiras num convento de Odivelas em 1651, este sermão é um dos grandes exemplares que fazem ver a relação de Antônio Vieira com as mulheres ou, mais propriamente, com o universo feminino.

O espelho, a mulher e o barroco – relações de contigüidade

A arte barroca, muito marcada pela presença da mulher (nua ou vestida), tem sobretudo na pintura exemplos muito convincentes de que há, no discurso autoral, a denúncia de uma relação muito intrínseca, quase que essencial, entre a mulher e o espelho. Exemplo muito contundente do que aqui se diz é o *Vênus olhando-se ao espelho*, um óleo sobre tela assinado por Diego Velásquez, pintor espanhol que viveu entre o século XVI e XVII:



Completamente nua diante do espelho erguido por seu filho Cupido, Vênus já não aparece em uma áurea divina, mas é retratada num ambiente intimista que supõe e, simultaneamente, denuncia o cotidiano da mulher: olhar-se ao espelho, contemplar-se, admirar-se, tal como fizera Narciso. O mesmo fizeram Paolo Veronese (1528-1588) e Ticiano Vecellio (1473/90-1576), pintores italianos que, respectivamente, assinam os seguintes quadros:



Muitos outros exemplos poderiam ser aqui elencados para demonstrar que há uma forte (e pejorativa) associação entre o sexo feminino e o espelho, de modo que o segundo objeto seja visto como algo intrínseco à realidade e cotidiano do primeiro. Na sua relação com a pintura barroca, a literatura desse estilo epocal também faz ver traços dessa relação, e quem, à sua peculiar maneira, chama a atenção para este fato é Padre Antônio Vieira, jesuíta português que, por caloroso amor à igreja e à vocação, entregou-se piamente à vida religiosa, tendo falecido no Brasil em 1697. Contudo, e antes ainda de adentrar no referido sermão, é preciso compreender melhor a mundividência de Vieira, sobretudo no que diz respeito à figura da mulher e à medida pela qual a estética barroca influencia a percepção de mundo e a cosmovisão vieirinas.

Não há como compreender os sermões de Vieira sem uma noção atentada da literatura bíblica, não somente por se tratar de um orador católico que vinca todo seu discurso numa ideologia bíblico-cristã, mas sim – e muito mais – porque o Barroco foi um período estético completamente atravessado por essa literatura e, em sua maioria, pode ser compreendido apenas através dela. A pintura, a literatura e as artes plásticas do Barroco são todas elas repletas de referências bíblicas, e, apesar de óbvio, vale ressaltar que a Bíblia funciona como uma espécie de livro revelador do estilo Barroco na medida em que foi uma grande fonte de inspiração para os artistas daquela época.

Nesse sentido, a questão que aqui poderia ser levantada é: como e com qual finalidade a mulher é evocada no discurso de Padre Antônio Vieira? Por tudo o que já se sabe a respeito da potencialidade retórica desse jesuíta, bem como pela sua desenvoltura estético-literária circunscrita no barroco, o *como* faz-se importante porque permite perceber, em termos de forma, as estratégias literárias de figuração da mulher; conseqüentemente, a *finalidade* da evocação do sujeito feminino encontra sua importância não apenas enquanto resultante do *como*, mas também enquanto um modo de perceber o que é meio e o que é fim no discurso de

Vieira, e em qual desses dois momentos a mulher e a sua mundividência se encaixam – ou não.

Dada essa intrínseca relação entre os sermões de Vieira e a Bíblia, nada mais natural do que encontrar, em seus escritos e ditos, um considerável número de mulheres cujas histórias estão primeiramente narradas em textos bíblicos. De Eva a Maria, grande parte das personagens femininas da Bíblia já figuraram na obra parenética de Vieira, como afirmam José Eduardo Franco e Maria Isabel Morán Cabanas a respeito da “importância paradigmática de outras personagens como Sara, Agar, Tamar, Jael, Ester, Lia, Rebeca, Micol, Dalila, Rute, Noemi, Abigail, Betsabé, Judite, Jetzabel, a Rainha de Sabá, Dina, Raquel...” (1998, p. 43). Em *A mulher no discurso inventivo de Vieira*², Franco e Cabanas dão um horizonte amplíssimo a respeito da maneira pela qual a mulher é abordada nos sermões do jesuíta, demonstrando que “as menções ao universo feminino servem, via de regra, como estratégia para ilustrar reflexões moralizantes” (1998, 40). Além disso, esses investigadores consideram ainda que os sermões de Padre Antônio Vieira permitem perceber o contexto sócio-ideológico no qual estavam situadas as mulheres contemporâneas ao jesuíta:

Vieira opera uma verdadeira ‘domesticação’ da mulher, confinando-a aos limites estreitos da casa, enquanto ao homem dá como princípio natural o espaço exterior da mobilidade. Todavia, não retira à mulher capacidade pedagógica, pois dentro do seu lar pode exercitar e desenvolver o seu papel de mestra espiritual da humanidade, transmitindo a fé e orientando a vida do homem para a salvação (CABANAS; FRANCO, 1998, p. 66).

De fato, o homem tinha, naquela época, uma liberdade maior do que a da mulher – enquanto ele dominava o espaço público, ela ficava relegada ao espaço privado, mas não deixava de exercer nesse *locus* restrito a sua missão de promotora dos valores cristãos e da vida. Mesmo dando essa espécie de autonomia à mulher, os papéis

sociais definidos pelo gênero têm força no discurso de Vieira, e é através da evocação desses papéis que a mulher perde sua plasticidade e sua movência na voz do jesuíta. Mesmo dando à mulher uma função legítima, o orador não tenciona elevar a imagem da mulher muito para além do que a sua cultura permitia, motivo pelo qual a mulher parece não ser objeto de discussão em Vieira. Se, como afirma Eugênio D’Ors, o estilo “Barroco está secretamente animado pela nostalgia do Paraíso Perdido” (1990, p. 27), a mulher parece ser, a partir do que afirmam Franco e Cabanas (1998), um dos argumentos que buscam convencer a assembleia a acreditar e a buscar esse Paraíso, cujo processo de busca e alcance obviamente se dará através das condutas morais existentes na Bíblia e atualizadas na boca de Padre Antônio Vieira.

Partido, portanto, do pressuposto de que, em Padre Antônio Vieira, a mulher é argumento, a presença do feminino nesse discurso pode agora ser vista não como fim, mas como meio, ainda que a temática do sermão vieirino contemple as figuras benévolas de mulher, como é o caso de Maria e os textos que gravitam em torno de algum título mariano específico, como, por exemplo, o *Sermão de Nossa Senhora do Ó*.

A partir do que até aqui foi dito, é tempo de partir para uma leitura atenta do *Sermão do demônio mudo*, enunciação na qual Antônio Vieira estabelece uma forte ligação entre as figuras demônio e da mulher através da dialética do espelho, demonstrando como o primeiro influencia no segundo através do terceiro. Essa relação da mulher com uma força demoníaca é, obviamente, fruto da já gasta relação de convivência entre Eva e a serpente, também tão recorrente nos sermões de Vieira.

A dialética do espelho no *Sermão do demônio mudo*

Pregado no convento de Odivelas no ano de 1651, o *Sermão do demônio mudo*, como o próprio nome parece sugerir, retrata dois

tipos de manifestação demoníaca: a do demônio que “vem bramindo, vem como inimigo declarado” e a do demônio mudo, que “vem como inimigo oculto” (VIEIRA, 1651). Após discorrer sobre essas duas formas de presença demoníaca – a que é perceptível e a que não é –, Vieira conta uma breve história ocorrida em Itália, onde um diretor espiritual, visitando as freiras em um determinado convento, propunha às religiosas que se desvinculassem e abrissem mão de tudo o quanto podia desviá-las de uma vivência espiritual reta e totalizante, a fim de que as portas da alma se abrissem para uma entrega mais perfeita a Deus. Cada freira retirou de sua cela o que podia, deixando apenas o estritamente básico para a vida religiosa. Entretanto, houve uma religiosa que se dispôs a abrir mão de tudo, menos do espelho, objeto que muito prezava em sua cela.

A partir de então, Antônio Vieira começa a desenvolver uma argumentação em torno da relação da mulher com o espelho, demonstrando que esse objeto cristalino nada mais é do que uma inconstante manifestação do *demônio mudo*, aquele que fica à espreita e que ataca quando menos se espera, e cujo poder de silêncio pode incitar a mulher ao pecado da idolatria e à perdição. Como é comum no discurso de Vieira, a origem da palavra/objeto: primeiramente, o jesuíta faz um apanhado histórico da origem do espelho, demonstrando que, no princípio, esse objeto se originara da própria natureza:

na sua primeira origem já tinha sido o espelho obra da natureza, e do soberano autor dela. As estrelas são espelhos do sol; os rios são espelhos das árvores; uma fonte, que não devera, foi o espelho fatal de Narciso (VIEIRA, 1651).

Entretanto, e mesmo sendo o espelho um objeto da criação divina, Vieira acha justo compará-lo ao demônio, porque, segundo o padre, ambos são criações de Deus: “O demônio primeiro foi anjo, e depois demônio; o espelho primeiro foi instrumento do

conhecimento próprio, e depois do amor próprio, que é a raiz de todos os vícios” (VIEIRA, 1651), de modo que, sob o ponto de vista do orador, “não há duas coisas que Deus criasse mais parecidas e semelhantes que o demônio e o espelho.” (VIEIRA, 1651).

Depois de uma breve discussão sobre o caráter paradoxal do espelho, Vieira chega ao fulcro de sua discussão – a vaidade. Neste ponto do sermão, ele afirma que o espelho concorre com “uma testemunha também falsa e muda, que é a formosura” (VIEIRA, 1651), momento a partir do qual o jesuíta defende a veneração da face divina e a conseqüente negação da face e formosura humanas, a fim de que a vaidade não corrompa o homem. A partir daqui, a figura da mulher é crucial, porque, tendo em vista sobretudo a assembleia ouvinte – composta por freiras –, Vieira começa por evocar a ideia de mulher enquanto sujeito suscetível de envaidecimento e, por conseqüência, de pecado, o que consiste num risco para todas as mulheres, mas sobretudo para aquelas que, por vocação e opção, decidiram seguir a vida religiosa. Vieira chega mesmo a questionar tal atitude por parte de uma religiosa, colocando em causa a sua identidade feminina diante dos seus compromissos com Deus: “É possível que uma mulher virgem consagrada a Deus, e desposada com o Filho de Deus, há de estar tão casada com o espelho? É ela mulher? É ela filha de Eva?” (VIEIRA, 1651). Eva é, como de costume, retomada como o símbolo da mulher-culpada, cuja imagem será, como também é de costume, anulada pela atitude soberana de Maria.

Para além da imagem da mulher associada ao matrimônio, que vem de encontro à concepção de mulher que era contemporânea a Vieira, o sermão faz ver ainda uma outra manifestação do universo feminino: a posteridade de Eva como uma linhagem feminina: ao falar do apetite da vaidade que não tocou a companheira de Adão, cuja mulher não soube o que era um espelho, Vieira fala do “apetite que herdaram da mesma Eva as suas filhas” (VIEIRA, 1651). Justificando tanto o apetite quanto a filiação, o jesuíta afirma: “E por isso há tantas no mundo – e fora do mundo – que gastam as

horas e perdem os dias inteiros em se estar vendo, revendo e contemplando no espelho, como se não tiveram nem esperaram outra glória.” (VIEIRA, 1651).

De acordo com o jesuíta, toda essa vaidade – inscrita num espaço que ele próprio define como *mundus muliebris* – corrompe a alma feminina, e, a contraexemplo, ele refere, dentre tantas, Blesila, uma viúva romana que, após uma vida inteira dedicada a se contemplar ao espelho, foi tocada por Deus e, convertendo-se, resolveu seguir a vida religiosa. Após um passeio pela dialética do espelho, Vieira transporta o seu discurso para outra noção de contemplação que, basicamente, consiste no espelhamento: da vaidade – consequência do ver-se e contemplar-se ao espelho –, as mulheres que escutavam o jesuíta foram, através do discurso, convidadas à contemplação de Deus no “espelho da oração elevada” (VIEIRA, 1651), de modo que, eliminando-se a si mesmas, não mais se veriam naquele espelho mudo e demoníaco, mas sim noutra mais sublime, cuja imagem ali contemplada não seria a sua própria figura de mulher, senão a de Deus, ou, como o jesuíta apontará mais adiante, a de Maria, referencial de mulher para todo e qualquer discurso católico.

Do espelho ao espelhamento, o padre jesuíta segue com a sua profusão de argumentos que tencionam retirar das ouvientes toda e qualquer possibilidade de envaidecimento. A idolatria da mulher para com a própria face deveria, portanto, dar lugar à adoração e benevolência para aqueles que realmente eram dignos de receber tais obséquios – Deus e Maria, a “Virgem das virgens” (VIEIRA, 1651). Na visão de Padre Antônio Vieira, somente conseguiriam renunciar tal tentação as “religiosas de ânimo varonil”, cujo adjetivo faz ver, obviamente, uma tendência não misógina, mas pelo menos sexista no discurso do jesuíta: a mulher só consegue ser suficientemente corajosa quando tomada por uma atitude masculina – varonil – e, aqui, pode-se perceber o modo como a mulher é vista no discurso de Vieira. Em virtude do homem, ela é obviamente um sexo mais frágil e dependente.

Reiterando a ideia de espelhamento, e já ao fim de tão longa e minuciosa exposição, Vieira ordena:

Tende sempre, ó virgens, diante dos olhos a imagem da Virgem Maria, a qual, como em espelho, resplandece o verdadeiro retrato da castidade, e de toda a virtude. Este é o exemplo a que deveis compor todas as vossas ações, porque nele, como mestra da perfeição, vos mostrará e ensinará a mesma Virgem das virgens o que deveis emendar, o que deveis fugir, e o que deveis imitar. (VIEIRA, 1651).

Ainda nesse sentido, o jesuíta pede que as freiras preservem a *formosura* da alma, e não a da aparência, para que assim possam ser mais dignas do matrimônio com Cristo, ao qual se dispuseram e pelo qual devem zelar (cf. VIEIRA, 1651).

Ao explicitar os sofismas que advêm do espelho, e em meio a um sem fim de exemplos, Vieira retoma as figuras de muitas mulheres – umas que, como Blesila, abandonaram a idolatria da face em nome da vida religiosa e de um outro espelhamento; e outras que, não conseguindo renunciar ao *mundus muliebris*, são uma espécie de contraexemplo do que é ser mulher e religiosa na época e na visão cristã e ideológica de Vieira. Vale a pena ressaltar aqui que, apesar de o discurso de Vieira valorizar o belo em tudo o que há, a mulher não encontra propriamente um lugar nesse *tudo*: nela, o belo é valorizado não na aparência e na face, mas nas atitudes, o que também é determinado por uma sociedade patriarcal que espera da mulher atitudes *belas*, condizentes com regras e expectativas sociais vinculadas na cultura cristã católica.

Se a mulher não é valorizada pelo que é, mas pelo que faz (ou não), o sermão de Vieira também parece seguir essa linha de abordagem: em *O sermão do demônio mudo*, a mulher não é foco da discussão em nem um momento sequer, mas é evocada tão somente como parâmetro de argumentação sobre o que é ideal ou não em uma religiosa e, por isso, como estratégia de persuasão, de modo

que todas as figuras femininas que aparecem nesse discurso servem apenas como *meio*, como já referido anteriormente, e não como *fim*. – a mulher é um argumento para que Antônio Vieira faça com que as religiosas, enquanto mulheres acusadas por, a partir de Eva, fazerem existir e persistir a vaidade, repensem a sua identidade a partir de um condicionalismo ideológico ainda maior. Como também referido, não se trata de misoginia, mas sim de uma espécie de sexismo envolvido e disfarçado por uma digna justificação: a magnificência da vida religiosa.

Consideração final

Considerar a dimensão societal do sermônário de Vieira é importante porque, ao falar sobre a presença da mulher num discurso cristão e católico do século XVII, é preciso considerar também que, naquele tempo, um conjunto de vetores sociais influenciavam a mentalidade do tempo, bem como construíam na mundividência feminina uma outra ideia de identidade e discursividade pertinentes à mulher, tal como ocorre sempre e atualmente.

É de ressaltar o fato de que tanto o espelho quanto a mulher são elementos dialéticos no discurso de Vieira, o que permite perceber, no ponto de vista do jesuíta, uma ideia de intrínseca relação entre a vaidade – alegorizada no espelho – e a mulher, praticamente alegorizada em figuras femininas ideais ou não. Se Padre Antônio Vieira compara o espelho com o demônio, ele também parece estabelecer uma relação de proximidade entre o espelho e a mulher, quase que substituindo-a pela figura do demônio e, por isso, demonizando-a também por ser tão vinculada ao objeto de apreciação da formosura e idolatria da própria face.

A par de toda a ideologia de Padre Antônio Vieira, não é possível deixar de apontar que, no discurso desse jesuíta, tão pensado e relido na atualidade, a mulher é conduzida não apenas à negação

da própria beleza e peculiaridades, mas também a não se enxergar enquanto mulher, isto é, a ignorar sua identidade feminina perante a sociedade, já que, em vez de espelhar-se em si mesma, a mulher é impelida a espelhar-se em um outrem ideal aos olhos da Igreja. Note-se que, para além de Deus, este outrem também é uma mulher. Contudo, trata-se de uma mulher que é eleita pela fé católica como modelo ideal, e não como símbolo da diversidade que se circunscreve no gênero feminino. Obviamente, o discurso vieirino, ainda que articulado com admirável perícia e sabedoria, está vincado num tempo em que a mulher, se não lutava tanto por uma emancipação identitária, ao menos conformava-se com o que lhe era socialmente imposto, de modo até a conseguir viver bem com alguns condicionamentos sociais, e o discurso de Padre Antônio Vieira compõe de maneira significativa esse mosaico ideológico pelo qual andou o pensamento barroco.

Referências

CABANAS, M. I. M. e FRANCO, J. E. **Padre Antônio Vieira e as mulheres: o mito barroco do universo feminino**. Porto: Campo das Letras, 2008.

ORS, Eugênio d'. **O barroco**. Trad. Luís Alves da Costa. Lisboa: Veja, 1990.

VIEIRA, Antônio de. Sermão do demônio mudo. 1651. (disponível em: http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0043-01920.html. Consultado em: 17 de dezembro de 2012).

Nota

² In *Padre Antônio Vieira e as Mulheres: o mito barroco do universo feminino*. Porto, 2008: p. 39-53.